

NOTÍCIA DE PESQUISA

PARA SE COMPREENDER A HISTÓRIA NOS SERMÕES DE ANTÔNIO VIEIRA

ANDREA GOMES BEDIN*

A pesquisa concentra-se na análise dos escritos do padre Vieira, produzidos ao longo do século XVII, em solo colonial, a partir da contextualização histórica dos fatos, vivenciada e analisada pelo jesuíta. Embora representante legítimo da Companhia de Jesus em Portugal, e no restante de suas colônias, Vieira consagrou-se como um sujeito histórico de seu tempo e atuou, não somente na esfera religiosa, mas também nas esferas política e econômica, onde suas contribuições lograram êxito. Neste sentido, a pesquisa se propõe a avaliar a contribuição vieiriana para o estudo do Brasil colonial e suas especificidades históricas, partindo do estudo de dois sermões vieirianos: *O Sermão para o Bom sucesso das armas de Portugal e o Sermão dos Bons Anos*, pregados pela primeira vez no ano de 1640, na capela da Ajuda, em Salvador, Bahia, e na Capela Real em Lisboa, em 1641, respectivamente. Uma análise preliminar indica que estes sermões reúnem categorias e conceitos históricos que poderão auxiliar a pesquisa e corroborar a proposta deste trabalho. Para tanto, as próximas linhas explanarão acerca do que vem sendo pesquisado sobre o tema, a fim de tornar mais clara a proposta deste trabalho. Início esta explanação fazendo uma breve descrição do perfil de Antonio Vieira e suas atividades.

Antonio Vieira (1608-1697) sempre se revelou personalidade singular, por conta de seus conhecimentos, e do amplo e inquestionável domínio dos recursos da língua portuguesa, o que lhe rendeu o epíteto de “imperador da língua portuguesa”, por Fernando Pessoa; ao mesmo tempo, essa mesma personalidade se mostrou ambígua, controversa, dado o caráter de suas ações políticas e econômicas, tanto em sua terra natal, Lisboa, quanto no ultramar português, levadas a efeito a partir de muitos interesses em jogo no cenário político e econômico do período. Nesse sentido, a análise de sua produção escrita, quer sejam as cartas, e principalmente os sermões, requer uma leitura mais atenta ao contexto que o envolveu, característico do século XVII, acentuadamente conflituoso, daí ser-lhe atribuído o título de “o século do barroco”, e intrigante (se é que assim podemos denominá-lo) do ponto de vista social, da mentalidade reinante, do modo de “ser barroco” do período, das tramas religiosas e da maneira muito particular em que o ser humano concebeu o sentido da história e buscou estabelecer suas relações com o tempo.

Há que se levar em conta que quando discutimos o século XVII, emerge com força o conceito “modernidade”. Este conceito, longe de apresentar um sentido único, na realidade apresenta-se muito difuso, tendo seu sentido diferenciado, período a período. Esse tema se apresenta, segundo Dussel¹, “[...] como novo “paradigma” de vida cotidiana, de compreensão da história, da ciência, da religião, surge ao final do século XV e com a conquista do Atlântico”, e se configura tendo como referência o cenário europeu que alçou a Europa à condição de referência civilizacional do período, em detrimento dos demais povos e suas respectivas culturas. Daí a necessidade, acentuadamente descrita nas cartas

jesuíticas, por ocasião das missões do ultramar, compreendendo não somente as Américas, mas como outros continentes também, de evangelizar e catequizar esses povos, enquadrando-os no modo de vida e moral cristãos.

À medida em que a pesquisa avança, fica bem nítido o fato de, no século XVII, estabelecer-se uma nova ordem para o mundo, uma nova ordem para o tempo, assinalada pelo compasso do barroco em sua multiplicidade de sentidos e ações. Essa nova ordem foi portadora de um regime de historicidade próprio ao período, ou seja, por uma maneira peculiar dos indivíduos se relacionarem com o tempo e que as balizas que serviram de referência para nortear este comportamento foram europeias, provenientes do seio dessa cultura que, segundo Castro-Gómez², um expoente dos estudos pós-coloniais, configurou-se como a “Hybris do Ponto Zero”, momento que deu visibilidade à Europa como sendo a grande referência para os valores e a produção de conhecimentos para o mundo.

Nesse sentido, os sermões escritos e pregados por Vieira, ao que tudo indica, renunciaram essa nova ordem, e, portanto, foram portadores de uma moral intrínseca à episteme europeia, ainda que marcados pelas especificidades históricas do reino de Portugal, que o jesuíta intentava ajudar.

Os intelectuais do século XVII, e isto inclui não somente escritores religiosos (ainda que estes, de fato tenham sido notáveis na produção do conhecimento em geral), como Vieira, mas também historiadores e tratadistas do período, tiveram papel fundamental nesse contexto, dada a importância das produções escritas enquanto norteadoras de ações e

estratégias para os monarcas, servindo, em muitos momentos e necessidades, enquanto manuais de orientação quanto à arte da prudência, com vistas à arte da boa governabilidade. Neste contexto de produção, a disciplina “História” assumiu um papel proeminente em relação às demais disciplinas, sendo considerada a mestra da vida (*Historia magistra vitae*), a grande fornecedora de exemplos “positivos” e “negativos”, a serem seguidos, e se possível, imitados. Se processa, portanto, uma intensa valorização da cultura escrita nos setecentos, de raiz europeia, em detrimento de outras formas de produção do conhecimento, como as artes e a oralidade, por exemplo, relegadas a uma posição inferior, uma vez que produzidas por culturas ligadas à natureza (indígenas e africanas), vistas em oposição à cultura dominante, ligada à razão.

Vieira e a história

A relação de Vieira com a História não poderia deixar ser direta, na medida em que nela buscou amparar-se o jesuíta, no claro intuito de alicerçar suas afirmativas sobre o quinto império português e a eleição do monarca bragantino, D. João IV, como liderança legítima deste reino, escolhida pela providência divina, para a realização de tal empreitada. A este respeito, Maria Leda Oliveira³, em seu artigo sobre *Vieira, a história e o futuro*, salienta que o que Vieira mais ressaltava em seus textos era a preocupação com a notícia dos tempos e sucessos futuros que ele, diga-se passagem, preocupava-se em oferecer a Portugal, à Europa e ao mundo na *História do Futuro, Esperanças de Portugal e Quinto Império*. Na descrição da autora, Vieira contrapunha, à preocupação humana com o devir, a crença em Deus, como sendo a fonte de toda sabedoria e, portanto, o dono da

ciência do futuro. Nesse sentido, enquanto boa parte dos historiadores antigos e dos historiadores portugueses haviam escrito “histórias do passado para os futuros, Vieira havia escrito a história do futuro para os presentes”. Para a autora Vieira empreendeu, de maneira ousada, um projeto político para a Cristandade, alicerçado nas regras de seu tempo e, sobretudo, no gênero histórico, tentando redimir o dever político de um Império em ruínas. Na visão da autora mencionada,

É certo que, diferente dos antigos historiadores a exemplo de Beroso, Xenofonte, Heródoto ou Tucídides ou ainda dos demais escritores portugueses modernos, que *escreveram histórias do passado para os futuros*, ele estava a escrever a *História do futuro para os presentes*. Para os olhos da atualidade, Vieira terá construído, com essa obra, um dos pilares que sustentava a sua visão profética para o Império português. É possível, por outro lado, que para o engenho dos homens do seu século ele estivesse, como era de seu feitio, a ser ousado ao empreender um projeto político para a cristandade, pautado por regras típicas do seu tempo, mas utilizando-as de maneira absolutamente arrojadas. E, por ter disso consciência, Vieira definiu com maestria o campo a ser explorado e a metodologia utilizada no escrito de objeto tão inaudito. Foi aliás, exatamente por essa agudeza de engenho, que o jesuíta conseguiu distinguir-se, consubstanciando-se no ícone do seu século e immortalizando-se nos idos dos tempos futuros. Como moderno, armou-se de futuras arquitetadas pelo gênero histórico e tentou redimir o dever político de um Império então em ruínas e de uma cristandade esmigalhada no tempo.

Esta “metodologia” utilizada por Vieira, à qual a autora faz alusão, consistia, dentre outras coisas, no emprego de conceitos e categorias próprios ao seu tempo, no claro intuito de transmitir o conteúdo dos sermões pregados. Segundo Vieira, a história era feita de leis específicas

que guardavam tempos e lugares; neste sentido o jesuíta colocava-se como alguém capaz de compreender, analisar e sobretudo escrever a história, refutando toda e qualquer forma de profecia como sendo de sua autoria. Para Vieira, *o sapateiro de trancoso*, ou simplesmente Bandarra, poderia ser chamado de profeta.

Escritor ferrenho e afeito à história, Vieira compartilhou com os letrados de seu tempo a dimensão do conhecimento, obtendo referências diversas do campo de estudos da História, a fim de convalidar seus escritos. O contexto do século XVII justifica a busca de Vieira pela História, na medida em que este século era considerado “o século da História”, a grande mestra de todos os reinos europeus, uma vez que por meio dela fornecer-se-iam as orientações necessárias a todos os monarcas, com vistas ao exercício da prudência, arte considerada essencial à boa governabilidade, com vistas ao sucesso dos reinos.

É notório observar que na história portuguesa, a garantia dos sucessos futuros vinha estreitamente atrelada a um passado de vitoriosas conquistas. Até onde foi pesquisado, fica claro que Vieira amparou seus sermões anunciadores do futuro das vitórias portuguesas, num passado extremamente glorioso, onde a mão da providência divina, agiu em favor do povo escolhido para conquistar o mundo e, sobretudo, para disseminar o Cristianismo entre as nações da terra. O próprio Vieira (2014, p.75) escreve a esse respeito, em um de seus famosos sermões, *Do bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda*⁴, um dos focos desta pesquisa, dirigindo-se a Deus num tom indignado, questionando-O sobre as derrotas portuguesas frente à Holanda protestante, considerada herética:

[...] e aquele nome Português tão celebrado nos Anais da Fama, já o herege insolente com as vitórias o

afronta, e o Gentio, de que estamos cercados, e que tanto o venerava, e temia, e já o despreza. Com tanta propriedade como isto descreve Davi neste Salmo nossas desgraças, contrapondo o que somos hoje ao que fomos enquanto Deus queria; para que na experiência presente cresça a dor da oposição com a memória do passado. [...] O Reino de Portugal, como o mesmo Deus nos declarou na sua fundação, é Reino seu, e não nosso [...] e como Deus é o Rei[...]e este Rei é o que manda, e o que governa [...]. Ele que não Se muda é o que causa estas diferenças, e não os Reis que se mudaram.

Parece evidente que o contexto extremamente angustiante do século XVII postulou a necessidade de intervenções por parte dos atores sociais em cena no período, no sentido de restabelecer e/ou conservar a ordem social, abalada pelas intempéries do momento histórico. Nos casos em que as crises se agudizavam e que forças dispersivas ameaçavam decompor a ordem tradicional estabelecida, recorria-se, conforme menciona Maravall⁵, ao “eficaz instrumento da monarquia absolutista” no intuito de reverter a *desordem em ordem* e resgatar o reino, das *trevas para a luz*: “Assim, a monarquia absolutista se converte em princípio [...] em chave de abóbada do sistema social”; isto também fica evidenciado no trecho do sermão citado acima, no qual Vieira salienta o caráter divino do monarca português, registrado a partir das memórias vitoriosas do passado.

As monarquias absolutistas, eleitas por direito divino, prefiguravam a autoridade máxima do corpo místico do Estado. No caso português, a dimensão mística do monarca foi sendo gradualmente construída em virtude das necessidades que o momento histórico impunha. Sobre D. João IV, o 8º. Duque de Bragança, depositaram-se as

esperanças de um porvir promissor, alicerçado na providência divina. O rico arcabouço histórico das vitórias que assinalaram o passado de Portugal garantiria, nas palavras de Antônio Vieira, a prosperidade futura do reino.

Na história, a união entre a ação humana e a providência divina

À medida em que a pesquisa prossegue, vai delineando-se muito clara a relação entre a ação humana e ação divina na construção do processo histórico português, relação esta em muito afiançada por Antonio Vieira. Vale lembrar que a formação humanista do jesuíta, típica da ordem inaciana, colaborou sobremodo para essa visão de tempo oportuno apregoada por Vieira: um tempo grávido de ação, marcado por um senso humano de oportunidade que jamais deveria ser perdido. Daí a necessidade da ação humana no tempo, intervindo e construindo a história: uma história que certamente estava marcada pela intervenção da providência divina. Ao ler Frangiotti, ficaram claras as implicações sociopolíticas da doutrina da providência divina, fundamental para se compreender a sociedade do período e a essência dos sermões vieirianos. Segundo o autor, quando se estuda esta que, ao que tudo indica, se constitui uma categoria marcadamente presente nos sermões de Vieira,

[...]Não se trata de politizar a questão de Deus ou de sua Providência, mas de tentar compreender qual é o conteúdo do discurso que apresenta e defende a ação providencial de Deus em todos os acontecimentos sociais e políticos. De quais realidades sociopolíticas o Deus-providência é o símbolo?⁶

A partir disso, infere-se o quanto a escrita sermonística foi substancialmente importante nos setecentos: uma vez considerados gênero popular público, os sermões versavam sobre diversos assuntos, tais como política, economia, usos e costumes, além do conteúdo religioso. Neste campo, os sermões de Vieira⁷, de caráter providencial (posto que em verossimilhança com o universo divino), punham em cena a teologia retórico-política do corpo de estado e traziam ao debate público diversas questões relacionadas ao cotidiano do reino. É possível dizer que produziram significativos impactos sociais no período em que foram produzidos, posto que reafirmavam a estrutura da sociedade lusitana setecentista e de sua relação com o projeto colonizador no ultramar, legitimando-o.

Além da notável contribuição quanto à orientação dos monarcas (ou do monarca português), os sermões deixaram em evidência a importância da ação humana na história com vistas ao alcance de uma ordem final. Segundo Vieira, o homem, mesmo tendo como respaldo a providência divina, deveria imprimir sua ação na história, tendo a liberdade de decidir qual lugar lhe caberia ocupar nessa trajetória, tendo, inclusive, o poder de modificá-la. Essa forma de conceber a ação humana na história sempre foi elemento norteador das ações da Companhia de Jesus, cujo caráter operacional das ações em território luso-brasileiro, especificamente falando, consistia em partir do conhecimento da realidade dos povos e sociedades encontrados, para pensar em formas possíveis de diálogo e estratégias de conversão. Herdeiro da formação humanística própria aos jesuítas, Vieira considerava o sentido da história e construção da identidade pessoal e política como elementos indissolúveis⁸, concepção

esta muito distante da visão de mundo atual de interpretação iluminista e positivista da história e da política.

Os sermões, longe de serem “letra morta” e/ou estanque, revelaram-se uma “realidade em contínuo movimento”, cujos assuntos encontravam-se na ordem do dia; além disso, não restritos à apreciação de grupos religiosos, mas extensivos à corte, ao púlpito e à população em geral, foram portadores de uma moral social posta para a sociedade luso-brasileira, atrelada a interesses políticos e econômicos fundamentados por um projeto de caráter híbrido, onde fé e história caminhavam juntas, no intuito de superar as crises internas e externas, com vistas ao progresso do reino e harmonia de todos os indivíduos. Tudo isso, sob os auspícios da Providência divina.

Na historiografia, a construção da uma nova história para Portugal

Os sermões vieirianos, ao que tudo indica, mais do que meras pregações, parecem ter assumido um papel de representantes da história portuguesa ao longo do século XVII, uma história que se pretendia genuína e única. Até que ponto assumiram o caráter de produção historiográfica, é o elemento que nos propomos a investigar. Segundo Hartog⁹, os discursos historiográficos são trabalhados pela alteridade, pondo à distância um outro que designam como mito, a fim de se distinguirem dele e fazerem-se, assim, mais críveis. Seria essa a proposta do sermão vieiriano?

O texto histórico é, não resta dúvida, o reflexo da sociedade e das lutas que a animam: quanto a isso, os textos de Vieira abundam em

exemplos e situações diversos que permitem ao leitor captar a atmosfera social, política e econômica da época. Para tanto, não faltam recursos aos textos, como as alegorias, por exemplo.

É Hartog que explicita a presença de “grades” num texto. Refleti a respeito, e redargui: é possível dizer que o sermão possui grades? Ora, o autor aponta que existem muitas grades na história ou nas histórias e por grade entende algo que estrutura a narrativa chamada história e as próprias histórias, isto é, aquilo através do qual o narrador vê e faz o destinatário ver o mundo, os outros etc.

Nesse sentido, os sermões, ao modelo das estruturas epistolares, apresentavam um formato “adequado”, crivado de recursos diversos aos quais recorreu Vieira a fim de se fazer compreender, auxiliando os ouvintes a “enxergarem”, através desses recursos ou grades, algo semelhante à moldura de um aquarelista quando reticula seu desenho para quem iria apreciá-lo (exemplo dado pelo autor). Estariam estas grades supostamente presentes no sermonário vieiriano, uma espécie de filtros necessários à manutenção da ordem social do reino português? Como a história se revela e se reafirma neste cenário?

Os caminhos percorridos pela escrita vieiriana objetivavam levar o ouvinte a crer no conteúdo ministrado. Fazer crer, sem questionamentos e interpelações acerca do caráter dos sermões, ao que tudo indica, parece ter sido o objetivo de Vieira. Segundo Octavio Paz¹⁰, Sor Juana, uma religiosa espanhola, contemporânea do jesuíta, deu início a uma grande polêmica por meio de sua carta atenagórica, por meio da qual questionou o método e a forma de Vieira desenvolver a discussão acerca das finezas de Cristo, no sermão do Mandato Novo, argumentando enfaticamente

acerca de sua posição como sendo contrária à de Vieira, não quanto ao conteúdo do sermão em si, mas quanto à forma de abordá-lo. Para a freira, Vieira partia de uma construção prévia de argumentos retóricos, o que permitia que se chegasse aos objetivos pretendidos, sem maiores questionamentos. Embora teoricamente não tenha tentado entrar numa polêmica teológica, o fato é que terminou por esbarrar nela. Disso podemos concluir que, em alguma medida, os sermões de Vieira de fato pareciam vir tecidos por uma trama muito específica, repleta de teias, grades e desvios de narrativa que se destinavam a reafirmar a estrutura social da época e representar a missão histórica do reino português.

Considerações importantes sobre a pesquisa

A pesquisa em curso já oferece dados importantes que nos permitem tecer algumas considerações importantes sobre o caráter historiográfico dos sermões de Vieira, notadamente os de incidência política.

Num primeiro momento, é importante salientar que todo aquele que escreve sobre o passado certamente o faz a partir de referenciais de seu presente; neste sentido, muito difícil é encontrar uma produção historiográfica desprovida das agruras do tempo daquele que a escreveu, sendo em sua maioria, desprovida de neutralidade. São estes sujeitos, via de regra, “filhos de seu tempo”, protagonistas muito ativos das ações muitas vezes por eles narradas, que fazem da escrita histórica um produto cultural das sociedades em geral.

Assim o fez Antonio Vieira, ao narrar o século XVII português, do qual se tornou partícipe nas esferas social, política, econômica e, como jesuíta, religiosa. Embora não tenha sido o único de seu tempo a escrever sermões abordando temas importantes como a razão de Estado, o poder divino dos monarcas, a visão universal da sociedade europeia como um todo, fato é que o jesuíta se destacou ao propor uma obra de características dessemelhantes ao estilo de muitos de seus contemporâneos, muito embora tenha se mantido num gênero narrativo de escrita (ainda que enriquecido de recursos diversos), próprio ao estilo de produção histórica do período, marcado pela “[...] tradição de narrar o passado a partir de feitos militares e políticos¹¹.” Para tanto, recorreu a autores referenciais modelares gregos¹², em geral.

Um segundo aspecto diz respeito ao contexto histórico de produção da obra. Esses textos produzidos, mais do que descreverem acontecimentos de um dado período, foram responsáveis por produzir determinados discursos, e, por meio destes, terminaram “moldando comportamentos e construindo visões de mundo”.

Um terceiro aspecto de extrema importância aponta para, a partir da perspectiva histórica de Vieira, a metodologia de escolha das fontes adotada pelo jesuíta. A escrita sermonística vieiriana aponta para uma ampla matriz de referenciais de origem greco-romana, tais como Tito Lívio, Salústio, Cícero, dentre outros, até autores de seu tempo, tais como Luís Cabrera de Córdoba, da corte de Felipe II, substanciais para a estruturação dos sermões.

Por fim, muitos são os elementos que tornam os sermões vieirianos uma produção que, embora produzida nos setecentos, assumiu

um caráter atemporal, e, deste modo, muito singular; mesmo marcada por aspectos determinantes da sociedade do período, a mensagem dos sermões é desafiadora e propõe importantes reflexões face aos desafios do mundo contemporâneo. Mais do que um discurso a mais produzido no século XVII, a pesquisa aponta, pelo indicativo das fontes, que os sermões se constituíram como um caminho, um relato de base histórica escolhido por Vieira para descrever a sociedade lusitana, seus conflitos e características, caminho este permeado por uma nova lógica de confiança nas vitórias passadas com vistas às conquistas futuras.

Notas

* Doutoranda em História Social pela PUC-SP. Bolsista CAPES. Código ORCID: 0000-0002-0552-4255.

¹ DUSSEL, E. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624093038/5_Dussel.pdf

² CASTRO-GÓMEZ, S.; LANDER, E. **Des/Decolonizar La Universidad.** Buenos Aires: Del Signo, 2015.

³ OLIVEIRA, M. L. Antonio Vieira: a história e o futuro. In **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH, São Paulo, julho 2011.

⁴ VIEIRA, P. A. **Obra completa.** Dir. José Eduardo Franco e Pedro Calafate. Lisboa: Círculo de leitores, 2015.

⁵ MARAVALL, J A. **A cultura do Barroco: Análise de uma estrutura histórica.** São Paulo: EDUSP, 1911.

⁶ FRANGIOTTI, R. **A doutrina tradicional da providência: implicações sociopolíticas.** São Paulo: Paulinas, 1986.

⁷ Para Vieira, a escrita dos Sermões, em nada profética, guardava as leis da história: [...] os profetas não chamam histórias às profecias, porque não guardam nelas estilo nem leis de história: não distinguem os tempos, não assinalam os lugares, não individualizam as pessoas, não seguem a ordem dos casos e sucessos[...] porque nós, em tudo que escrevermos, determinamos religiosa e pontualmente todas as leis da história[...] e porque havemos de distinguir tempos e anos, sinalar províncias e cidades, nomear nações e ainda pessoas (quanto o sofrer a matéria), por isso, sem ambição nem injúria de ambos os nomes, chamamos a esta narração “história”[...] (**Sermões**. São Paulo: DIFEL, 1983, p. 24).

⁸ Cf. MASSIMI, M. Sentido da História e Identidade pessoal e política na visão do Padre Antonio Vieira. In **Revista Paidéia**, vol 11(20), 2011, pp.27-33.

⁹ HARTOG, F. **O espelho de Próspero**: Ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

¹⁰ PAZ, O. **Sor Juana Ines de La Cruz o Las Trampas de la Fe**. México: Fundo de cultura econômica, 1999.

¹¹ FUNARI, P. P. **Historiografia**: Salústio, Tito Lívio e Tácito. Pedro Paulo Funari, Renata Senna Garrafoli. São Paulo: Editora da Unicamp, 2016.

¹² Para maiores detalhes consultar obra acima mencionada.